O RENASCER VIANENSE

Órgão de Divulgação da Academia Vianense de Letras — Ano IV Nº 12 Viana-MA, Maio de 2006

Editorial

SILÊNCIO DE PEDRA

Nosso jornal foi imaginado como o veículo de divulgação de nossa Academia e um meio de promover a nossa história, nossa literatura e publicar nossos projetos para elevação do prestígio cultural de Viana.

Desde a primeira edição deste Jornal, temos feito denúncias, apelos e reivindicações ao povo e às autoridades vianenses. Até o momento a única resposta que obtivemos foi o silêncio. Um silêncio absoluto, de indiferença e de desestímulo. Nunca recebemos uma carta, um aplauso, um voto de louvor pela nossa iniciativa. Parece que nada significa para a classe estudantil e para os professores o que publicamos em nosso jornal. Nada. Inclusive nosso programa de recuperação cultural de Viana não teve qualquer ressonância. Perdeu-se na extensão do seu lago e foi-se pela porteira do Maracu.

Quando planejamos este veículo de comunicação foi com o objetivo de informar e instruir, recuperando os fatos da nossa história e destacando os homens que engrandeceram nossa cidade. Não estamos à busca de aplausos. A ausência deles não nos desestimula em prosseguirmos nossa luta. Mas, esse esforço que fazemos para manter esta publicação precisa de uma resposta estimulante por parte dos seus leitores. Uma resposta que nos confirme de que nossas mensagens chegaram ao destinatário, de que não estamos pregando num deserto nem perdendo tempo falando de coisas inúteis.

As várias emissoras de rádio da cidade nunca se interessaram em debater os assuntos destacados em nosso jornal. Só a politiquice conta.

É preciso que os jovens saibam que sem ideal e sem sonhos não há juventude. Nossa Academia é o resultado de um ideal de servir ao nosso torrão natal, de recuperar o prestígio que sempre teve no passado.

Hoje, na Academia Maranhense de Letras, Viana é o único município maranhense que conta com três membros efetivos, aos quais, somando-se com os três já falecidos, atinge o número de seis imortais, sem contar com Celso Magalhães que é patrono de uma de suas cadeiras. Raimundo Lopes, de tão importante que foi e é (seu nome é quase esquecido em Viana) reuniu o privilégio de ser titular/fundador de uma cadeira e, depois do seu falecimento, tornar-se patrono de outra, agora vaga com o falecimento de Josué Montello. Seu irmão, Antônio Lopes, também da Academia, é um nome conceituado na história e nas letras do Maranhão.

Esse destaque é para lembrar à juventude vianense do prestígio que Viana tem no cenário cultural maranhense. É para lembrar do contexto em que nosso jornal está inserido. Nosso trabalho continuará sem resposta ou não, mas muito nos entristece constatar a indiferença da população à nossa luta pela recuperação cultural de Viana.

SOLAR DOS LOPES DA CUNHA

LUIZ ALEXANDRE

Esta propriedade pertenceu, no passado, aos Lopes da Cunha, tradicional família vianense. Aqui residiu o Dr. Manoel Lopes da Cunha (juiz de direito, futuro desembargador e governador do Estado) e seus filhos Antônio e Raimundo Lopes da Cunha. O primeiro tornou-se renomado professor, jornalista, escritor e historiador. O segundo, também escritor, ganhou notoriedade por seus estudos no campo científico, principalmente nas áreas da *Etnografia, Etnologia e Arqueologia*.

Nesta mesma casa também residiu, tempos depois, Benedito de Oliveira Gomes (deputado estadual e chefe político vianense) e sua carismática esposa, Maroca Gomes, descendente direta dos Lopes da Cunha.

Residência atual de D. Maria do Socorro Fernandes Gouveia e filhos, o antigo solar é preservado com carinho por seus atuais proprietários. Talvez por apresentar suas janelas e portas, sem molduras, em formato retangular (ao invés das tradicionais formas arredondadas), o prédio passe quase despercebido entre os autênticos exemplares da arquitetura colonial vianense que chegaram intactos aos nossos dias.

Por sua privilegiada localização, imponência e história, este prédio inclui-se entre o valioso patrimônio arquitetônico da cidade, a ser defendido e preservado por todos os vianenses de boa vontade.

POSSE DE HELENA CASTRO NA AVL

Homenagem à enfermeira Enedina Raposo

GORDON GREATHOUSE

As enfermeiras Enedina Raposo e Santinha Neves

Na noite do dia 27 de maio próximo (sábado), na Igreja Matriz, acontecerá a 1ª reunião solene de 2006 da Academia Vianense de Letras, oportunidade em que tomará posse na Cadeira de nº 24, a atual vereadora de São Luís, Helena Castro.

Nascida em Viana e graduada em Enfermagem, a ex-Secretária de Saúde do Município de São Luís, Helena Castro, fará seu discurso de posse, elogiando a vida e a obra social de sua patrona, Enedina Brenha Raposo (na foto ao lado de sua colega de profissão, Santinha Neves).

O trabalho desenvolvido por D. Enedina, em Viana, ainda é marcante na lembrança dos mais velhos. Enfermeira e parteira, D. Enedina dedicou grande parte de sua vida em prol da saúde dos vianenses, principalmente ajudando os filhos destes a virem ao mundo.

Além dos amigos e admiradores da nova imortal, a AVL espera contar com grande presença do público nesta cerimônia solene de exaltação à cultura e aos valores da terra.

Fundação Conceição do Maracu

No dia 28 de janeiro do corrente ano, em assembléia geral realizada no Palácio Episcopal, foi oficialmente constituída e fundada a organização civil Fundação Conceição do Maracu – FCM.

Originária da antiga Fundação Nezinho Sores, criada por José Antonio Castro, Pedro Mendengo e Geraldo de Majela Viana Abreu, em 1997, no Rio de Janeiro, a nova entidade, cuja denominação remonta às origens da cidade, tem entre seus objetivos principais trabalhar em prol do progresso de Viana, sem esquecer de seus valores do passado, no desafio pela construção de um futuro humano e solidário para a coletividade vianense.

Naquela oportunidade, sob a presidência do eminente Padre Eider Furtado da Silva, foram aclamados, entre os presentes, José Raimundo Santos, Rosa Maria Pinto Silva e Janete Adriana Jansen para composição da diretoria provisória, a qual terá o encargo de presidir os trabalhos – delegados a uma comissão especial – de análise e estudo dos estatutos da recém-criada fundação.

A AVL congratula-se com os membros da Fundação Conceição do Maracu, auspiciando-lhes êxitos futuros e notáveis realizações em benefício da cultura vianense.

PARQUE DILÚ MELO GANHA NOVO VISUAL

FOTOS: GERALDO COSTA

Principal cartão postal da cidade, o Parque Dilú Melo vem merecendo a devida atenção da atual administração municipal, através de ações concretas de manutenção e embelezamento da área, como nova pintura, novo ajardinamento, cimentação da quadra de esportes, asfaltamento de suas vias e colocação de painéis, que reverenciam a filha mais ilustre da terra.

Atendendo à solicitação especial da AVL, a Prefeitura confirmou a encomenda de um busto de bronze da famosa musicista, a ser descerrado no referido local antes do final do ano. Desta maneira, além de enviar um lembrete às gerações vindouras, Viana estará definitivamente resgatando do esquecimento e fazendo justiça ao nome de uma artista que tão bem soube cantar e divulgar o berço natal.

Independente desta justa homenagem, o *Renascer Vianense* já havia se posicionado contra a falta de manutenção na mais importante área de lazer da cidade que, com o passar dos anos, apresentava cada vez mais sinais visíveis de abandono e deterioração.

Assim, superior ao mesquinho e condenável costume, muito usual entre os políticos da atualidade, ou seja, o de não investir em obras que não tenham sido construídas em sua própria administração, o prefeito Rilva Luís demonstrou sua sensibilidade, ao atender a esta já antiga reivindicação dos vianenses.

A Prefeitura confirmou a encomenda de um busto de bronze da famosa musicista, a ser descerrado antes do final do ano.

É fato que muito ainda precisa ser feito para que o Parque Dilú Melo possa se transformar, realmente, num motivo de orgulho para a cidade. A Câmara Municipal, por exemplo, precisa criar urgentemente uma lei que proíba a construção de pisos superiores nas casas ali localizadas, a fim de que o parque não sofra maior descaracterização. Consta que o projeto arquitetônico original previa a ocupação do parque por bares, restaurantes, lojas de artesanatos, sedes de associações etc. e não casas de moradia, como acabou acontecendo.

Embora um pouco onerosa, uma sugestão seria a indenização gradativa de alguns daqueles moradores, por parte da atual e futuras administrações municipais, objetivando a efetiva transformação da área num espaço de total domínio público, destinado exclusivamente ao uso coletivo. A utilização do parque seria, dessa forma, voltada para os interesses da coletividade e não para o benefício e usufruto particular de pouquíssimos privilegiados.

Reminiscências Vianenses

*Ibraim Mohana**

· Quem viu Chico Travassos praticando 16 profissões para sustentar os dez filhos? Eu vi. Certa vez, Heitor Piedade (o filho, futuro padre e advogado) foi arrancar um dente com ele, sem anestesia. Eu saí do Correio (que funcionava no casarão azulejado que pertencia ao Mundiquinho Borges e depois a Bibi Silva, na Praça Duque de Caxias) e vinha vindo pela travessa que sai ao lado da casa da D. Maroca Cunha, ouvindo os gemidos do Heitor. Quando cheguei na Rua Grande, Chico Travassos me mostrou o dente, vitorioso.

· Chico Travassos confeccionava balões de São João com 4 metros de comprimento (eu mesmo o ajudei diversas vezes). Ele cortava cabelo, aplicava injeções, fazia calças e camisas e, às vezes, ensinava Geografia e História.

· Duas das filhas mais bonitas do Chico Travassos, Iaci e Nenê, eram muito "paqueradas" pelos vendedores que chegavam a Viana, vindos de São Luís. Inclusive o Maia (futuro proprietário do extinto Hotel Central), quando solteiro.

· Papai foi uma das primeiras pessoas a ter geladeira a querosene, em Viana. Um domingo, pela manhã, fizemos a inauguração da "sorveteria", vendendo picolés de fôrma. Muitos vizinhos vinham nos pedir gelo, outros pediam para guardarmos carne (peixe não precisava, pois era aquela fartura todos os dias).

· Papai adquiriu e instalou um pequeno motor a diesel para fornecer luz elétrica em casa e carregar as baterias do grande rádio que tínhamos e que sintonizava o mundo inteiro.

· Durante a Copa do Mundo de 1938, realizada na França (quando o Brasil obteve a 3ª colocação, a melhor conseguida até então), Miguel Abraão colocava o imenso rádio no balcão da loja e a cidade inteira vinha ouvir as maravilhas de Leônidas e Domingos da Guia. Papai dizia que Leônidas havia comprado um "bangalô" (modelo de casa considerado moderno, naquela época). Era o máximo morar num "bangalô."

· Leônidas da Silva era chamado de "Diamante Negro" ou "Homem Borracha" e foi o artilheiro da Copa de 1938, com 8 gols. Um desses gols foi marcado com o pé descalço. No jogo contra a Polônia, Leônidas tornou-se o 1º jogador a marcar 4 gols em uma única partida de copa do mundo. Domingos da Guia, seu companheiro de seleção, era carioca e também fez história no futebol brasileiro, jogando as 4 partidas naquele mundial de 1938.

· Papai era agente do Banco do Brasil e, parece-me, do Banco do Estado. Ele enchia armazéns enormes com arroz, babaçu, algodão e tucum. O ensacamento dos produtos, para serem embarcados para São Luís, era uma verdadeira festa: 10 trabalhadores ensacando e costurando as bocas dos sacos e 10 carroças transportando para o porto. Viana ainda vivia excelente movimento comercial, nesse tempo. As lanchas do Aracati Campos, todas com nomes de estrelas, serviam de transporte de carga e passageiros para a capital.

· O célebre Aquiles Lisboa, médico e ex-governador, que gostava de visitar Viana, escreveu uma série de artigos censurando a qualidade da comida e da bebida, servidas nas lanchas do Aracati Campos, o que motivou a companhia a fazer uma mudança completa no cardápio.

**Ibraim Mohana, filho dos libaneses Miguel Abraão e Anice Mohana, nasceu no ano de 1930, em Viana, onde morou até os 10 anos de idade. Em 1941 veio estudar em São Luís, como aluno interno do Colégio Maristas. Três anos depois, mudar-se-ia com toda a família para São Paulo.*

UM ACADÊMICO, UM PATRONO

CARLOS GASPAR

Um empresário de vocação literária

Luiz Alexandre Raposo

Terceiro filho do português Armando Oliveira Gaspar e da vianense Conceição de Maria Pinheiro Gaspar (Zizi), Carlos Thadeu Pinheiro Gaspar nasceu em Viana, a 5/12/1939, no histórico sobrado de azulejos amarelos, quando ali ainda funcionava a famosa Fábrica Santa Maria. Embora tenha se mudado com os pais para São Luís, aos cinco anos de idade, suas primeiras lembranças de vida são marcantes e remontam às atividades próprias daquela casa comercial: a prensa e o descaroçador de algodão em funcionamento, o movimento dos caixeiros viajantes que chegavam e partiam, os animais de montaria presos à velha argola ainda hoje existente na esquina do sobrado e a figura do pai, atarefado à frente dos negócios.

De muda para a capital, a família alojou-se, por longos anos, na casa de nº 174 da Rua de Santo Antônio, onde também funcionaria a firma A. O. Gaspar. Aos dez anos, a partir do exame de admissão ao ginásio, o menino começou a trabalhar ao lado do pai. Sua contribuição, no início, consistia em varrer a sala, espanar os móveis, lavar o banheiro e servir de *ofice-boy* para os pagamentos em bancos. Enquanto aluno do Colégio São Luís (depois de passar pelos Maristas), o jovem fazia as primeiras incursões no trabalho de carteira, redigindo, à mão, a escrituração mercantil da firma. Tanto que, quando ingressou no Centro Caixeiral, para fazer o curso de contabilidade, surpreendia os colegas e professores pelos conhecimentos já adquiridos na prática doméstica.

Aos 23 anos, com o diploma de contador, além de responsável pela contabilidade dos negócios da família, Carlos oferecia seus serviços profissionais para os clientes do pai, visando aumentar sua ainda parca renda. Em 1959 ingressaria na antiga Faculdade de Direito do Maranhão, onde se graduaria em 1963. Depois viria a licenciatura e o bacharelado em História e Geografia.

Enquanto estudante, Carlos voltaria de férias a Viana por várias vezes. A fazenda São João, de propriedade do avô materno, Delfim Neves Pinheiro, localizada pelas imediações do antigo Caminho Grande, era o local preferido para se hospedar. Além do ambiente natural, havia a agradável e inesquecível companhia do velho avô português. Dessas estadas, ficariam registrados na memória um carnaval dançado na "Gruta de Satã" (atual sede do Centro Educacional Antônio Lopes), quando adolescente, e uma baita bebedeira em plena festa de São Sebastião.

Nesse meio tempo, os negócios da família prosperavam em São Luís. Dos secos e molhados, a firma A. O. Gaspar (agora acrescentada do Cia. Ltda.) partia para a produção de óleo de babaçu e, em 1978, adquiria a antiga Marauto (que teria a razão social mudada para Auvepar), ingressando assim no ramo de venda de automóveis. Por repartição dos bens familiares, Carlos ficou com a Auvepar, quando então teria oportunidade de mostrar seus talentos empresariais, ampliando a atuação da empresa de simples concessionária da Wolkswagem para o consórcio e locação de veículos.

Nos anos 80, Carlos Gaspar já era um nome respeitado nas áreas empresarial e intelectual do Maranhão. Na primeira, paralelo ao comércio de automotores, estenderia gradativamente seus negócios para a fabricação de papel higiênico (Alpes Celulose de Papéis), para a construção civil (Construtora Algas Engenharia Ltda.) e para o ramo dos supermercados (Preço Bom Ltda.). Na segunda, depois de tornar-se membro do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, ingressava na Academia Maranhense de Letras para ocupar a Cadeira de nº 34, que tem Antonio Lobo como patrono.

Presidente do Clube dos Diretores Lojistas de São Luís (1985/ 1989) e da Associação Comercial do Maranhão (1990/1994), Carlos Gaspar possui ainda em seu vasto currículo atividades que incluem a de professor das disciplinas *História da Cultura* e *História das Religiões* (UFMA, 1964/ 1980) até a de jornalista colaborador de "O Imparcial", onde escreve, aos domingos, sobre temas variados desde 1991.

Aos 67 anos, depois de submeter-se, no ano passado, a uma cirurgia para implante de três pontes de safena, decidiu diminuir o ritmo de trabalho. Atualmente, o empresário Carlos Gaspar existe apenas pela manhã. Pelo resto do dia, sob os cuidados da filha, Socorro, e da esposa, Paula, o intelectual de olhar crítico e atento sobre os problemas do Maranhão e do Brasil pode, agora, entregar-se às coisas do espírito com maior intensidade. E projetos literários para o futuro não lhe faltam.

Autor de trabalhos como *Refazendo o Caminho, Dunshee de Abranches* (discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão), *Catedral de Emoções* (crônicas), *Caminhos Percorridos* (discursos) e *Conto 13 Contos,* o titular da Cadeira nº 1 da Academia Vianense de Letras, cujo patrono é o memorável professor e historiador, Antônio Lopes, prepara-se para lançar, no final deste ano, *O Sobrado Amarelo*, obra que reúne crônicas sobre fatos e personagens vianenses, algumas inéditas e outras já publicadas na coluna semanal de "O Imparcial."

MONSENHOR AROUCHE

O Uirapuru da Eloqüência

Luiz Alexandre Raposo

No ano do centenário de seu nascimento, o nome do Padre Manoel Nunes Arouche, cognominado o *"Uirapuru da Eloqüência"* pelo acadêmico João Mendonça Cordeiro, continua inapagável na memória dos vianenses e na história da Oratória Sacra do Maranhão.

Nascido em 21/01/1906, na vizinha São Vicente de Férrer, o futuro padre era filho de Mariano Faustino Arouche e Maria Estefânia Nunes Arouche. Depois de concluir o curso primário em sua cidade natal, transferiu-se para São Luís, a fim de cursar Humanidades, Filosofia e Teologia no Seminário Santo Antonio. Ordenado em 8/12/1929, aos 23 anos de idade, o jovem sacerdote exerceria durante o primeiro ano de trabalho a função de secretário da Câmara Eclesiástica, em São Luís, até ser nomeado como vigário da Igreja de N. S. da Conceição de Viana, para onde veio em 1931.

Monsenhor Arouche, como ficaria conhecido por todos, não demorou a conquistar o respeito e a simpatia do povo vianense. Colérico e carismático, pesavam a seu favor a indiscutível vocação para o pastoreio de almas, o espírito nato de liderança e o dom excepcional da oratória. Seus sermões comoviam e encantavam cultos e incultos, jovens e velhos, homens e mulheres. Dizem os mais antigos, que ouvir uma homilia do Monsenhor Arouche era como se abastecer na mais pura e profunda fonte de fé cristã.

Seu apostolado em Viana, no entanto, não se restringiu somente à pregação evangélica. Preocupou-se sobremaneira com a educação da juventude, a ponto de criar um curso comercial noturno para os jovens já engajados no comércio local e posteriormente fundar a Escola Paroquial, Dom José Delgado, para o ensino do curso primário.

Do curso comercial surgiriam antigos expoentes do comércio vianense, como os ex-prefeitos José Mendes Pinheiro e Lino Mousinho Lopes. Já no curso primário, os alunos mais aplicados recebiam o incentivo e o necessário apoio para continuarem os estudos no Seminário Santo Antonio, em São Luís. Na época do Monsenhor Arouche, entre todas as cidades do interior do Estado, Viana conseguia manter o maior número de seminaristas internos naquela importante casa de formação. Tudo custeado pelas doações arrecadadas pela Associação de São José, junto aos comerciantes e famílias tradicionais do município.

Homem de elevada cultura e rara inteligência, Monsenhor Arouche sabia cercar-se de doutores, de estudantes e do povo simples sem instrução. Padre João Mohana dizia que, quando adolescente, costumava sentir inveja ao presenciar o líder religioso trocando livros com o Juiz de Direito, Almada Lima, com a Promotora Pública, Celeste Matos, ou com a jovem Josefina Haikel. Uma das amizades pessoais mais notórias do Monsenhor foi com o pedreiro e excelente violonista, José Mendes, de quem era fã incondicional.

Exemplos de autenticidade cristã não lhe faltaram em vida. Era comum o religioso receber, em casa, mendigos e até mesmo leprosos, ofertando-lhes abrigo e alimentação por vários dias. Monsenhor Arouche chegou a hospedar, inclusive, as duas loucas mais conhecidas da cidade: Januária e Libânia. Quando seus paroquianos, preocupados com sua segurança, procuravam lhe dissuadir da tresloucada iniciativa, ele costumava responder brincando: *"Para um louco, basta outro louco!"*

Um fato inusitado, acontecido durante os tradicionais festejos de São Sebastião e que teve como ator principal o Padre Manoel Arouche, acabaria fazendo parte da memória coletiva vianense. Num janeiro de determinado ano, no qual o inverno não dava nenhum sinal e a seca nos campos já se tornava preocupante, no momento em que a procissão se recolhia em frente à igreja, o padre aproveitou para proferir um de seus eloqüentes sermões, passando um enfático "carão" no santo. No meio daquela retórica oração, formou-se um temporal que, dizem, desabou sobre a cidade, trazendo chuva forte pelo resto da noite.

No dia 24/10/1958, quando o Monsenhor Arouche faleceu de infarto, aos 52 anos (dos quais 27 empregados a serviço da comunidade vianense) abriu-se uma lacuna impreenchível na vida religiosa local. É ponto pacífico, para muitos, que a história do catolicismo vianense se divide em dois períodos distintos: antes e depois da passagem de Padre Manoel Arouche por Viana.

A Academia Vianense de Letras prestou, assim, justa e merecida homenagem ao eleger o Monsenhor Arouche como um de seus patronos.

Olívia Mendonça

Há trinta anos desaparecia a maior bordadeira do Bumba-meu-boi da Baixada Maranhense.

Luiz Alexandre Raposo

Embora até os anos 70, o Bumba-meu-boi não gozasse de tanto prestígio como na atualidade, uma vianense dedicaria toda sua vida à confecção das indumentárias que davam beleza e colorido cintilante a essa festa popular.

Olívia Garcia Mendonça desde cedo se esmerou no bordado dos lombos dos bois que, anualmente, faziam a alegria do povo mais simples do interior do Estado. Recheadas de canutilhos e miçangas, imagens de São João menino, São Jorge, estrelas, meias-luas, pombinhas brancas, castelos, igrejas ou qualquer outro desejo do dono da promessa tomavam forma sob as mãos ágeis e habilidosas dessa artista vianense.

A descoberta dos canutilhos

Quando ainda não existiam os canutilhos e miçangas, os lombos dos bois eram decorados com purpurina, papel de seda e pedacinhos de espelhos. Por se tratar de uma brincadeira tipicamente noturna, que se desenrolava à luz das fogueiras, o brilho nas costas do motivo central da festa era sempre um requisito de fundamental importância para a beleza do evento.

Ao descobrir a fabricação dos coloridos e pequeninos cilindros de vidro, através de revistas que chegavam a Viana, Olívia passou a mandar comprá-los no Rio de Janeiro, onde eram importados da então Tchecoslováquia. Para intermediar a compra da preciosa mercadoria, ela contava com o auxílio de Úrsula, uma doméstica que morava no Rio em companhia da família de seu cunhado, Dr. Sálvio Mendonça. Tempos depois, através de um amigo judeu comerciante na praça carioca, a aquisição dos canutilhos passaria para a responsabilidade do empresário Armando Gaspar.

A técnica dos bordados

No início, Olívia bordava a mão, consumindo muitas horas nesse trabalho tão delicado quanto demorado. A fim de ganhar tempo e efetuar um serviço de melhor qualidade, de forma que os canutilhos ficassem mais firmes no veludo, ela imaginou prendê-los na máquina de costura. O problema era que o veludo impossibilitava o rascunho dos desenhos na sua face direita. No bordado feito à mão, isso não chegava a atrapalhar, já que ela fazia os desenhos no avesso e enfiava a agulha por baixo para delinear seus contornos no outro lado do tecido. Na máquina de costura, no entanto, o método não funcionava. Pela própria espessura do veludo, os desenhos não se faziam visíveis na outra face, impossibilitando totalmente o trabalho na hora de prender as fileiras de canutilhos. Numa conversa casual com o cunhado, Nilton Aquino, surgiu a idéia para a solução do impasse. O pintor lhe sugeriu que alinhavasse as figuras desenhadas no avesso, a fim de orientar-se pelos pontos, no lado direito do veludo. Dessa maneira, poderia concluir o bordado na máquina de costura com segurança.

Captado pela sensibilidade do fotógrafo, Ribamar Alves, o registro para a posterioridade de D. Olívia Mendonça, dando os retoques finais em uma de suas obras de arte.

O atelier

O domínio da técnica rápida e eficaz de bordar com a ajuda da maquina de costura fez a fama da exímia bordadeira vianense se espalhar pelos municípios vizinhos. Além dos lombos dos bois, Olívia confeccionava e bordava também as vestes do amo e dos vaqueiros participantes da brincadeira. Chapéus, peitorais, tangas e até os enfeites das botas eram confeccionados às centenas, transformando sua residência num atelier perene do Bumba-meu-boi. Em qualquer época do ano que se chegasse ali, tinha-se a impressão de que as festas juninas estavam próximas. Podia ser Natal, carnaval ou Páscoa. Nada roubava o clima que reinava absoluto naquela casa.

Para atender a grande demanda das encomendas dos pagadores de promessa não só de Viana, mas de outras cidades como Matinha, Monção, Penalva, São Vicente de Férrer, Cajapió e todos os povoados e vilarejos da região, Olívia montou o que se chama hoje de uma micro-empresa. Sob seu comando, várias bordadeiras e aprendizes, que se revezavam em oito máquinas de costura, trabalhavam diariamente para dar conta das encomendas. Ela dava forma aos desenhos e as ajudantes se encarregavam de preenchê-los com os canutilhos e miçangas. Tudo sob sua rigorosa observação.

As encomendas eram feitas com um ano de antecedência. Para compor o estoque de matéria-prima, Olívia adquiria peças inteiras de veludos nas cores preferidas dos brincantes: preto, azul-marinho, vinho e vermelho. Os canutilhos e miçangas, comercializados em caixas de dois quilos, eram também comprados em grandes quantidades e em cores de várias tonalidades.

Olívia Mendonça chegava a confeccionar dezenas de lombos de bois por ano, cada qual com motivos diferentes. Verdadeiras obras de arte que se perderam no tempo e no espaço. O mais curioso é que ela não se preocupava em colocar nenhuma marca que pudesse, no futuro, facilitar a identificação de seus bordados.

O desaparecimento da bordadeira

Nascida em 21 de fevereiro de 1905 e casada com um primo, Áureo Mendonça, Olívia era mãe de cinco filhos: Francisco de Assis (já falecido), Hildenê, Raimundo Antônio (Catu, também falecido), Ivone e Assunção de Maria.

Para tristeza dos amantes do Bumba-boi da Baixada, a bordadeira vianense faleceu aos 71 anos de idade, vítima de edema pulmonar, no dia 26 de junho de 1976 (em pleno período das festas juninas), quando se encontrava trabalhando em sua máquina de costura.

O RENASCER VIANENSE

Diretor/Redator: Luiz Alexandre Rapôso **Endereço:** Rua Antônio Lopes, 459 Viana - MA CEP: 65.215-000